

# Uma práxis decolonial: considerações sobre a constituição do Museu do Boi de Seu Teodoro

Jean Costa Souza \*

Recebido em: 01/05/2023

Aprovado em: 29/06/2023

## Resumo

O texto move-se por intermédio do debate das epistemologias decoloniais, no campo dos museus e da Museologia, em especial a partir da criação do Museu do Boi de Seu Teodoro, na cidade de Sobradinho (DF). Ao analisar a trajetória de Teodoro Freire, criador de um grupo de manifestação do bumba meu boi, visamos enfatizar as particularidades das práticas museais que se desenvolvem no museu comunitário do Museu do Boi de Seu Teodoro, pela comunidade, a partir das dinâmicas das culturas populares. Dessa forma, consideramos que, ao analisarmos a atuação de Teodoro Freire e a criação do museu, foi possível perceber processos e ações museais que tencionam uma lógica eurocentrada.

## Palavras-chave

Decolonialidade; Museu; Teodoro Freire; Bumba meu boi; Brasília.

## Abstract

The text moves through the debate of decolonial epistemologies, in the field of museums and Museology, especially from the creation of the Museu do Boi de Seu Teodoro, in the city of Sobradinho, DF. Analysing the career of Teodoro Freire, creator of a bumba meu boi group, we aim to emphasize the particularities of museum practices that are developed in the Community Museum of the Museu do Boi do Seu Teodoro, by the community, from the dynamics of popular cultures. Thus, we consider that, by analyzing the actions of Teodoro Freire and the creation of the museum, it was possible to perceive museum processes and actions that intend a Eurocentric logic.

## Keywords

Decoloniality; Museum; Teodoro Freire; Bumba meu boi; Brasília.

---

\* Doutorando em Ciência da Informação pela Universidade de Brasília (PPGCINF/UNB). Mestre em Culturas Populares pela Universidade Federal de Sergipe (PPGCULT/UFS) e bacharel em Museologia (DM/UFS). E-mail: jheansouza97@gmail.com. <https://orcid.org/0000-0003-2506-6180>.

## Introdução<sup>1</sup>

Eu sou festeiro de bumba-meu-boi por causa, talvez, do sangue do meu avô, de ser neto de escravo; essas danças estão no sangue da gente.<sup>2</sup>

Este estudo analisa, a partir da atuação do maranhense Teodoro Freire, a criação do Museu do Boi de Seu Teodoro, na cidade de Sobradinho, Distrito Federal, inaugurado em janeiro de 2023, quando Brasília comemorava sessenta anos do bumba meu boi, do mestre Teodoro. O objetivo é analisar a geopolítica e a *corpo-política* do conhecimento, a partir das ações de Teodoro como um dos fundadores da manifestação popular do bumba meu boi, e compreender de que forma seus conhecimentos, transmitidos aos brincantes, criadores do museu, contribuíram para a criação de uma forma singular de musealização no museu comunitário “O Boi de Seu Teodoro”.

A trajetória do mestre e o seu bumba meu boi, de um maranhense nascido em São Vicente do Ferrer, “descendente de africanos e indígenas”, exprime no presente tempo um exemplo dinâmico de brincar o “boi”. Os seus trânsitos por vários lugares do Brasil, como São Luís, em 1930, Rio de Janeiro, em 1953, e Brasília, onde criou raízes, após 1961, permitiu reinterpretar a manifestação do bumba meu boi, aglutinando diferentes “sotaques” maranhenses. Considerado Patrimônio Cultural Imaterial do Distrito Federal em 2014, inventariado por meio do Inventário Nacional de Referências Culturais – IPHAN/DF, a trajetória do “boi” e de seu Teodoro confunde-se numa “dimensão muito importante da história de Brasília”.<sup>3</sup>

O bumba meu boi, uma das manifestações populares do Maranhão, é representado por quatro tipos principais de “sotaques”, que, com base nos instrumentos musicais utilizados, se diferenciam e identificam as suas referências no tempo e no espaço, como: Matraca ou Ilha, da ilha de São Luís; Zabumba ou Guimarães, da cidade de Guimarães; Pindaré ou Baixada, da Baixada Maranhense; Orquestra, das cidades de Rosário e Axixá, região de Munim.<sup>4</sup>

O auto, que acontece em diversos lugares do país, na sua maior parte durante o período junino, é dedicado a São João. Suas influências ameríndias e afrodiáspóricas ainda hoje são denegadas, perante um projeto de sistema-mundo racista, marcado pelo mito da democracia

---

<sup>1</sup> O artigo foi desenvolvido com o apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

<sup>2</sup> BUMBA MEU BOI DE SEU TEODORO: Inventário Nacional de Referências Culturais. Brasília, DF: Renovacio Criação, 2014. p. 2.

<sup>3</sup> Ibid., p. 13.

<sup>4</sup> ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. “Mulheres e cultura popular: gênero, raça, classe e geração no bumba meu boi do Maranhão”. *Anais da 26ª Reunião Brasileira de Antropologia*, 2010.

racial, a partir de uma ideia de mestiçagem. O enredo – que acontece anualmente com as seguintes preparações: ensaios, batismo e morte do boi – tem como personagens centrais:

*Amo*: a figura mais importante, ele é o cantador que comanda a brincadeira, sendo na encenação das apresentações o dono do boi e da fazenda, posição ocupada por um homem; *Pai Francisco* (Chico, Nego Chico): personagem que desencadeia o enredo ao roubar o boi, também encenado por um homem, representando uma pessoa pobre, escravo ou ex-escravo; *Catirina*: única personagem feminina no enredo, esposa de Chico que o motiva a roubar o boi. Tradicionalmente era interpretado por um homem transvestido. Atualmente há mulheres e travestis interpretando este papel. *Boi*: animal que motiva toda a brincadeira e que será roubado pelo nego Chico. É uma representação alegórica que reproduz o formato do animal feita em madeira de buriti, recoberta de veludo preto bordado. O boi é conduzido por um homem denominado *Miolo*, que fica embaixo dele, realizando os movimentos que lhe dão vida. Durante toda a encenação o boi é guardado pelos *vaqueiros*, geralmente homens, cujos passos de dança com animal sugerem domá-lo, amansá-lo e, ao mesmo tempo, cuidado e desvelo. O posicionamento do boi e dos vaqueiros, durante a representação, tende a ser o centro da brincadeira, juntamente com Pai Francisco e Catirina.<sup>5</sup>

Segundo Lady Albanaz, até meados do século XX, a afirmação de uma identidade maranhense foi atribuída a símbolos considerados eruditos, identificados na capital (São Luís), conhecida como a “Atenas brasileira” (representação da Grécia), pautada em um projeto de nacionalidade/colonialidade. É somente a partir dos anos 1970 que a “cultura popular e dentro dela o bumba meu boi [assumiu] uma centralidade simbólica, numa configuração cultural que aglutina outros significados e define os conteúdos de ser maranhense”.<sup>6</sup>

Logo, é de se considerar que, já no início do século XX, no Brasil, alguns grupos de estudiosos, ensaístas, criaram uma imagem de nação a partir do conceito de folclore, respaldado numa “retórica da perda”,<sup>7</sup> no campo cultural brasileiro. Os reconhecidos estudos de folclore e sua ligação com a cultura popular – conforme interpretado por diversas áreas do conhecimento e em outros países – traduzem significados e práticas distintas, ainda que respaldadas num “nacionalismo metodológico”.<sup>8</sup> Todavia é possível inferir que, conforme os tempos históricos, os conceitos/práticas de folclore e/ou de cultura popular ora se aproximam, ora se distanciam.

É importante salientar que Teodoro Freire foi um dos idealizadores e responsáveis pela criação da Sociedade Carioca de Folclore Maranhense, quando residiu no Rio de Janeiro, em

---

<sup>5</sup> Ibid., p. 76 -77.

<sup>6</sup> ALBERNAZ, Lady Selma Ferreira. “Estéticas e disputas em torno do bumba-meu-boi (São Luís, Maranhão)”. *Revista AntHropológicas*, vol. 21, nº 1, 2010, p. 79.

<sup>7</sup> GONÇALVES, José Reginaldo S. *A retórica da perda: os discursos do patrimônio cultural no Brasil*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ; IPHAN, 1996.

<sup>8</sup> GOIG, Ramón Llopis. “El nacionalismo metodológico como obstáculo en la investigación sociológica sobre migraciones internacionales”. *EMPIRIA. Revista de Metodología de las Ciencias Sociales*, nº 13, 2007, p. 101-117.

1957; e, posteriormente, na nova capital, Brasília, em 1961, da criação da Sociedade Brasileira de Folclore, hoje Centro de Tradições Populares de Sobradinho. Esses indícios, presentes em sua trajetória, consistem num exercício concreto de explicar como seu Teodoro, entre “sujeitos, colonizados, experienciam a colonização, ao mesmo tempo que fornecem ferramentas conceituais para avançar a descolonização”,<sup>9</sup> a partir de esboços singulares, como o seu próprio conceito de folclore.

Folclore é a vivência do povo, é a vivência sofrida do povo, é gente passar fome, é o menino não ter dinheiro pra comprar caderno, lápis, não ter um tostão pra pegar ônibus, mas que vem driblando, a pé, é a luta do dia-a-dia” (...) Fazer folclore seria enfrentar a vida, como o povo enfrenta, suas dificuldades; seria precisar de tudo, de emprego, de assistência médica, de alimentação, de transporte; seria ter, a vivência popular (...) Porque a dificuldade faz parte dessa cultura, que foi criada com tanto sofrimento. Essa dificuldade que nós enfrentamos é um retrato da nossa própria vivência, de nossa luta.<sup>10</sup>

Dito isso, considerando as influências culturais que moldam o campo das práticas simbólicas e que geram categorias que o difere, é viável pensar no conceito de hibridação, proposto pelo sociólogo Néstor García Canclini, quando entende os “processos socioculturais nos quais estruturas ou práticas discretas, que existiam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas”.<sup>11</sup>

Se falamos da hibridação como um processo ao qual é possível ter acesso e que se pode abandonar, do qual podemos ser excluídos ou ao qual nos podem subordinar, entenderemos as posições dos sujeitos a respeito das relações interculturais. Assim se trabalhariam os processos de hibridação em relação à desigualdade entre as culturas, com as possibilidades de apropriar-se de várias simultaneamente em classes e grupos diferentes e, portanto, a respeito das assimetrias do poder e do prestígio. (...) Nas condições de globalização atuais, encontro cada vez mais razões para empregar os conceitos de mestiçagem e hibridação.<sup>12</sup>

O Museu do Boi de Seu Teodoro, inaugurado no Barracão do Centro de Tradições de Sobradinho, é um exemplo atual e significativo de uma prática museal que enuncia uma leitura crítica, decolonial, sobre as atividades museológicas realizadas pela comunidade. Ou seja, seu Teodoro, um homem negro, periférico, “um condenado da terra”,<sup>13</sup> ao criar uma “nova cultura”

---

<sup>9</sup> MALDONADO-TORRES, Nelson. “Analítica da colonialidade e da decolonialidade: algumas dimensões básicas”. In: BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSFUGUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. São Paulo: Autêntica, 2023, p. 29.

<sup>10</sup> FRANCO, Celso. “O folclore sobrevive, em Sobradinho”. *Correio Braziliense*, Brasília, 13 Dez. 1978. Disponível em: <http://acervosdigitais.cnfcp.gov.br/Recortes%20de%20Jornais/25424>. Acesso em: 20 Mar. 2023.

<sup>11</sup> CANCLINI, Néstor García. *Culturas híbridas: estratégias para sair e entrar na modernidade*. São Paulo: EDUSP, 2006, p. XIX.

<sup>12</sup> *Ibid.*, p. XXV e XXVI.

<sup>13</sup> FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. São Paulo: Schwarcz-Companhia das Letras, 2022.

a partir do seu bumba meu boi, imprimiu a sua “espiritualidade, conhecimento, subjetividade [e] sociabilidade”,<sup>14</sup> em meio a “núcleos cosmológicos” distintos, dando existência e (re)existência à tradição da manifestação do bumba meu boi.

Ao elegermos a trajetória de Teodoro Freire para falar da criação do museu comunitário Boi de Seu Teodoro, dialogamos com Marcele Pereira a partir de uma perspectiva de museologia decolonial, “que visa, por meio de práxis, instrumentalizar o fazer e o pensar do campo da Museologia Social”.<sup>15</sup> O diálogo com Bruno Brulon, ao pensar a musealização como um objeto empírico e um modelo metodológico para a Museologia, permite refletir sobre a descolonização dos museus, e entender a ação “como uma passagem criadora, [que] envolve práticas específicas que levam ao estado limiar da performance museal”.<sup>16</sup> Assim, partimos da sua compreensão de musealização como algo que não pretende exaltar o passado, “mas a congregação em torno da nova realidade criada pela musealização. Esse estado sublime constituído pelo ritual, por meio do qual as coisas do real adquirem novas qualidades imateriais”.<sup>17</sup>

Desse modo, o objetivo deste trabalho é criar um espaço de reflexão com os estudos decoloniais, tendo como objeto de análise as experiências de seu Teodoro Freire, e a constituição do espaço comunitário Museu do Boi de Seu Teodoro. Como a criação do museu no Barracão do Centro de Tradições Populares de Sobradinho, onde ocorrem os ensaios do bumba meu boi, estaria gerando um deslocamento colonial em relação às atividades de musealização realizadas no espaço? A comunidade que criou e mantém o museu, ao musealizar os sotaques do bumba-meu-boi, não estaria promovendo uma “gramática expositiva”<sup>18</sup> baseada numa perspectiva latino-americana, inspirada no conceito de “Amefricanidade”,<sup>19</sup> da autora Lélia Gonzalez?

Diante de questões como estas, consideramos que as experiências de Teodoro Freire, como um “ato de qualificação epistêmica”,<sup>20</sup> expressam uma posição insurgente no campo dos

---

<sup>14</sup> BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. *Decolonialidade e pensamento afrodiáspórico*. São Paulo: Autêntica, 2023, p. 17.

<sup>15</sup> PEREIRA, Marcele. “Política pública de direito à memória: apontamentos sobre a trajetória do Programa Pontos de Memória”. *Museologia & Interdisciplinaridade*, vol. 9, nº 17, Jan./Jul. 2020, p. 19.

<sup>16</sup> BRULON, Bruno. “Descolonizar o pensamento museológico: reintegrando a matéria para re-pensar os museus”. *Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material*, vol. 28, 2020, p. 188.

<sup>17</sup> BRULON, Bruno. “Passagens da Museologia: a musealização como caminho”. *Museologia e Patrimônio*, vol. 11, nº 2, 2018, p. 189-210, p. 202.

<sup>18</sup> BRITTO, Clovis Carvalho. *Gramática expositiva das coisas: a poética alquímica dos Museus Casas de Cora Coralina e Maria Bonita*. Dissertação de mestrado em Museologia. Salvador: UFBA, 2016.

<sup>19</sup> GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. São Paulo: Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2020.

<sup>20</sup> BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. Op. cit., p. 13.

museus e da Museologia, ao produzir saberes que tencionam a colonialidade do ser, do saber e do poder, numa perspectiva de resistência da tradição do bumba meu boi e de desejo de memória. Um exercício dialético com as epistemologias decoloniais, a partir de leituras que provocam perspectivas eurocentradas, normativas, no campo dos museus e da Museologia. Promovendo, ao contrário de um conhecimento desincorporado, universalizante, um olhar sobre as experiências descolonizadoras de seu Teodoro, tendo suas memórias e saberes utilizadas como repertório para a criação de um museu comunitário, em Sobradinho, no atual Barracão do Centro de Tradições Populares.

Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica e de análise documental sobre aspectos da trajetória do mestre Teodoro Freire e a criação do Museu do Boi de Seu Teodoro, a partir de uma leitura descolonizadora com base nas suas experiências. A pesquisa em jornais e periódicos foi realizada na Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional e na Hemeroteca do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. É importante salientar que, nesses repositórios, a presença do bumba meu boi de Teodoro Freire é centralizada como referência para manifestações populares e folclóricas, o que demonstra as redes de relações construídas por Teodoro ao longo da sua trajetória.

A partir da visita ao museu comunitário, da observação dos ensaios e da conversa com os membros da comunidade, que são responsáveis pela criação e manutenção do espaço museológico, evidenciamos a musealização do bumba meu boi sob a perspectiva das implicações políticas e culturais, de acordo com a orientação da autora Lélia Gonzalez. As suas análises para contrapor as referências colonialistas permitiram perceber que, “para além do seu caráter puramente geográfico, a categoria de ‘Amefricanidade’ incorpora todo o processo histórico de intensa dinâmica cultural (adaptação, resistência, reinterpretação e criação de novas formas) que é afroncentrada”.<sup>21</sup>

### **“Bumba meu boi é o meu sindicato”<sup>22</sup>**

Teodoro Freire nasceu em 9 de novembro de 1920, na cidade de São Vicente de Férrer, na região da Baixada Maranhense. Um menino negro, da periferia, que na infância trabalhava na lavoura e pouco tinha contato com os estudos. Alguns membros da família brincavam de bumba meu boi ou participavam de outras manifestações culturais, como o tambor de crioula, a Festa de São Benedito e a Festa do Divino Espírito Santo. Filho de Melquíades Luciano Freire e Alexandrina Rosa Freire, o contato com a festa do “boi” ocorreu durante a infância, em 1925.

---

<sup>21</sup> GONZALEZ, Lélia. Op. cit., 2020, p. 118.

<sup>22</sup> FRANCO, Celson. Op. cit.

O meu contato com o boi já começa em 1925, quando eu tinha cinco anos. Minha mãe tinha um irmão, Estevão, que brincava boi. E eu via quando ele passava com aquele material bonito dentro do cofo, aquele chapéu. E aí Sinhá me mandava de manhã comprar um café lá na casa de Seu João Nilo. Eu ia comprar o café, encontrava com o boi e ficava por lá. Só chegava ao meio-dia. Isso de cinco anos até dez anos. Para ir para o ensaio eu cheguei botar pilão dentro da rede, para minha mãe pensar que era eu estava lá dentro.<sup>23</sup>

Desde menino gostava de ver e acompanhar as pessoas. Com nove anos já estava aprendendo todos os ofícios, com a cumplicidade da avó, figura recorrente na sua narrativa, que traz uma memória afetiva remota de alguém com uma certa autoridade para criar “brechas” lúdicas na sua lida diária.<sup>24</sup>

Quando tinha dez anos de idade, Teodoro muda-se para a capital do estado, São Luís. Nessa primeira fase, o menino Teodoro seguiu vários empregos, até que, aos treze anos, foi trabalhar como ajudante de pedreiro. Depois, num botequim, e em uma quitanda no “Mercado da Praia Grande, onde aprendeu a ser flamenguista”.<sup>25</sup>

De lá foi trabalhar em uma grande firma de importação e exportação de babaçu, óleo e arroz, a Francisco Aguiar e Cia.; e, depois, foi para Busi Brasil LTDA., empresa inglesa que, inicialmente, dava boas condições de trabalho, mas que, durante a Segunda Guerra, entrou em decadência com as restrições na navegação marítima e comércio internacional.<sup>26</sup>

Teodoro transfere-se para o Rio de Janeiro em 1953, quando já tinha 33 anos, perfazendo o caminho de muitos na “diáspora nordestina”. No Rio, logo foi trabalhar na construção civil como servente, no bairro Laranjeiras, na Incorporadora Silva. Entre outras atividades vindouras, seu último trabalho, antes do seu novo destino, foi na empresa Gás Brasil. Todavia, como maranhense no Rio, uma referência cultural lhe faltava, especialmente no período dos festejos juninos, que, “para o nortista a festa é o ‘bumba boi’”.<sup>27</sup>

Casado com dona Maria José e morando no bairro Bonsucesso, na rua Jerusalém, número 54, percebeu que, na cidade, havia muitos grupos de danças regionais, consideradas “típicas” do Nordeste, em especial algumas das regiões do Maranhão. Dessa forma, sem ter “muita paciência” na cidade do Rio de Janeiro, Teodoro procurou alguns vizinhos próximos ao bairro,

---

<sup>23</sup> PERES, Eraldo. *O Encantador: Seu Teodoro do Boi*. 1ª ed. Brasília: Editora Senac, 2007, p. 29.

<sup>24</sup> BUMBA MEU BOI DE SEU TEODORO. Op. cit., p. 61.

<sup>25</sup> Ibid.

<sup>26</sup> Ibid.

<sup>27</sup> CASTRO, João Wernek de. “Um ‘bumba boi’ de Bonsucesso exhibe o folclore do Maranhão”. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 12 Jun. 1957. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/221961\\_03/56907](http://memoria.bn.br/docreader/221961_03/56907). Acesso em: 19 Mar. 2023.

pessoas que poderiam entender de “bumba meu boi”, para formar o seu grupo. Pois, segundo o maranhense, “era nada autêntico”:

Falava-se em “Bumba-meu-boi” do Maranhão, mas o que algumas vezes tive ocasião de ver era de causar revolta. Nada mais nem menos que alguns desses sofisticadíssimos grupos que se dizem folclóricos apresentando “laranjadas” tão despidas de autenticidade que realmente chocava qualquer um. Foi aí que começou a luta. Instalei-me cá na Baixa do Sapateiro e comecei a promover encontros periódicos com meus conterrâneos. Falava-lhes sempre da necessidade de fundarmos um grupo de folclore maranhense autêntico. Mas faltava tudo. Faltava naquela época até alimentos para compô-lo. Mas aos poucos fomos aumentando em número.<sup>28</sup>

Teodoro, então, foi juntando pessoas que vinham do Maranhão, criando um espaço de sociabilidade e de afeto. Que, segundo ele, vinham “já com nosso endereço, que aqui vinham chegando de navio ou ‘pau-de-arara’ e se instalando na favela. Tudo gente entendida em boi e outras ‘brincadeiras’ do Maranhão”.<sup>29</sup> Nascendo, assim, em 1956, o primeiro bumba meu boi de Teodoro, chamado de “Primeiro Ano”.

Naquele período, quando o grupo era composto por José Barroso, Carmo Rodrigues Costa e Modesto de Oliveira, e outros questionavam Teodoro sobre as referências culturais que poderiam ter influenciado o bumba meu boi do Maranhão, ele expressava a sua opinião: “Eu acho que é mesmo daqui do Brasil.” Após sua criação, o Primeiro Ano, o grupo de bumba meu boi de seu Teodoro, realizou uma das primeiras apresentações em homenagem ao São João, realizada na cidade do Rio de Janeiro.

Desde muito tempo é desejo de figuras de destaque da companhia maranhense nesta capital apresentar ao público carioca a mais popular festa regional do Norte do Brasil com todas as características. Desta vez, ou melhor, este ano teremos uma dessas apresentações ao nosso público (...). Veio do interior da terra de Gonçalves Dias uma comissão de intérpretes do “Bumba-Meu-Boi” para realizar exibição em nossa cidade. Os senadores Sebastião Archer, Assis Chateaubriand e os deputados Remy Archer e Antônio Dino, bem com outros maranhenses de destaque, receberam a comissão de promotores dos festejos e prometeram seu apoio à iniciativa. A comissão que é composta dos Srs. Teodoro Freire, Modesto de Oliveira e Carmo Rodrigues Costa, esteve em visita à redação do DIÁRIO DA NOITE, trazendo uma linda miniatura do “Bumba-meu-boi” em veludo e lantejoulas. Falando a nossa reportagem, o Sr. Teodoro Freire declarou que o elenco trazido para esta capital compõe de 40 figuras, tendo como principais personagens “Pai Francisco”, “Mãe Catarina”, “Delegado”, além de outros de menor participação. As músicas são executadas com pandeiros, maracás, zabumba, matracas, reco-reco e harmônica. A comissão está

<sup>28</sup> BUMBA MEU BOI DE SEU TEODORO. Op. cit., p. 61.

<sup>29</sup> MARANHENSES MOSTRARÃO “bumba meu boi”: junho. *Tribuna da Imprensa*, Rio de Janeiro, 3 Maio 1960. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_02/1327](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_02/1327). Acesso em: 20 Maio 2023.

hospedada na rua Nova Jerusalém, 476, Bonsucesso onde está realizando os ensaios, que têm sido assistidos por numerosos maranhenses e intelectuais da capital.<sup>30</sup>

O primeiro grupo de bumba meu boi, batizado de “Primeiro Ano” apresentou-se em diversos lugares culturais do Rio de Janeiro, como, por exemplo, “no Teatro João Caetano, pelo maranhense Gilson Costa Ferreira, do Serviço Nacional do Teatro”. Nesse contexto, em entrevista ao jornal *Tribuna da Imprensa* (1960), Teodoro relata, em detalhes, a confecção do “boi”, cujo “couro” ainda guardava, “tinha um escudo do Estado do Maranhão ricamente bordado em lantejoulas multicores (...)”.<sup>31</sup>

A formação do grupo do bumba meu boi, sob a liderança de Teodoro, foi sendo gradualmente percebida no Rio de Janeiro. Por exemplo, o apoio de integrantes da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, como Édison Carneiro, que sugeriu, para o festejo natalino, a contratação do grupo, como uma forma de “nacionalizar” as comemorações tradicionais.

Ao contrário dos anos anteriores, em que o Natal assumiu características estrangeiras, com árvores de Natal, coroa de ramos, sinos (...), o Departamento de Turismo pode realizar, este ano, um Natal Popular, mais barato, mais acessível ao povo, e estreitamente ligado às tradições nacionais da Natividade. (...) Um grupo de maranhenses, radicados no DF, tem pronto um bumba-meu-boi à moda de São Luiz, que já se apresenta desde o São João.<sup>32</sup>

Aos possíveis contratantes, orientava Édison Carneiro:

O grupo que por essa época se apresentou ao DF, já está constituído, ensaiado e vestido para a representação. O chefe do grupo é o Sr. Teodoro Freire, rua Nova Jerusalém (nome popular: Baixa dos Sapateiros), rua ao lado do Posto Saci, Av. Brasil, à altura de Bonsucesso. Para este grupo seria necessário armar palanques, por exemplo, na Praça do Congresso, ou destina-lhe coretos em outros pontos. A representação total leva cerca de duas horas. O pagamento ao grupo seria objeto de combinação. Há necessidade de transporte, ida e volta, ao menos para a carcaça do boi e os instrumentos de percussão.<sup>33</sup>

Em 1957, segundo Teodoro, “a situação melhorou um pouco”.<sup>34</sup> Com a ajuda do deputado Antônio Dino, foi possível criar a Sociedade Carioca de Folclore Maranhense, fundada em 5 de janeiro daquele ano. Instituição que tinha como objetivo “divulgar o folclore

---

<sup>30</sup> BUMBA-MEU-BOI do Maranhão no Rio de Janeiro. *Diário da Noite*, Rio de Janeiro, 6 Jun. 1956, p. 6. Disponível em: [http://memoria.bn.br/docreader/221961\\_03/49382](http://memoria.bn.br/docreader/221961_03/49382). Acesso em: 19 Mar. 2023.

<sup>31</sup> MARANHENSES MOSTRARÃO... Op. cit.

<sup>32</sup> CARNEIRO, Édison. “Natal: sugestões”. *O Jornal*, Rio de Janeiro, 9 Dez. 1956. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/110523\\_05/48274](http://memoria.bn.br/DocReader/110523_05/48274). Acesso em: 19 Mar. 2023.

<sup>33</sup> Ibid.

<sup>34</sup> MARANHENSES MOSTRARÃO... Op. cit.

do Maranhão aqui no Rio”.<sup>35</sup> Em 29 de dezembro do mesmo ano, Antônio Dino redigiu um documento e seu Teodoro levou ao grupo, que aprovou “os estatutos da Sociedade Carioca de Folclore Maranhense”.<sup>36</sup>

A cada “renascimento” do boi, o mesmo é “rebatizado”. No ano em que foi criada a Sociedade Carioca de Folclore Maranhense, ou seja, em 1957, o boi era o “Brasil Independente”, e, segundo o seu criador, “vale a pena ver um bumba boi enfeitado como o nosso. É uma brincadeira muito bonita”.<sup>37</sup> Em matéria do *Diário da Noite*, do Rio de Janeiro, de 1957, João Wernek de Castro destaca uma nova formação do grupo do bumba meu boi, com o “Brasil Independente”, tendo como integrantes os seguintes nomes:

Boi – Teodoro Freire. Amos do Boi – Lourenço da Silva Duarte e Modesto Oliveira. Pai Francisco – Domingos de Tal. Mae Catarina – João França. Adivinhão – [Zenobio?] França. Vaqueiros – Estevão Coimbra e Manoel Frazão. Zabumbeiros – Francisco Conceição Diniz, Fernando Gonçalves Ribeiro, José Neto. Tocadores de pandeiro – José Braz, Claudio Pires (tenente da marinha) e Isidoro Coimbra. Tocadores de tambor-onça – Francisco Emilio dos Santos. Milolos do “boi” – José Barroso da Silva, Raimundo Gonçalves Ribeiro. Tocadores de Matraca – José Cruz, Gilson Costa Ferreira, Francisco de Tal, Rui Costa Ferreira e Epitácio Moreira.<sup>38</sup>

No dia 27 de setembro de 1958, “em grande noitada no palácio da Guanabara”,<sup>39</sup> apresentava-se um novo boi, chamado “Brilho da Sociedade”. A apresentação – com a presença de vários nomes da Comissão Nacional de Folclore e da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro, como Renato Almeida e Édison Carneiro –, segundo o jornal *Leitura*, do Rio de Janeiro, foi uma “iniciativa do Prof. Maciel Pinheiro e patrocínio da Biblioteca Municipal do Distrito Federal, no dia em que o Prefeito Sá Freire Alvim entregava as medalhas Sílvia Romero aos folcloristas patrícios, que foi recebida com muitos aplausos pela grande assistência presente ao ato”.<sup>40</sup>

Como podemos perceber, o “boi” de seu Teodoro reencenou vários espaços de celebrações culturais, percorrendo vários estados brasileiros, entre os anos de 1956 e 1960. A presença do seu bumba meu boi passou a ser cotado por instituições culturais que trabalhavam para a preservação e proteção do folclore, como a Comissão Nacional de Folclore e a Campanha

---

<sup>35</sup> BUMBA MEU BOI DO MARANHÃO quer casa. Tribuna da Imprensa, Rio de Janeiro, 16 Nov. 1959. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/154083\\_01/46503](http://memoria.bn.br/DocReader/154083_01/46503). Acesso em: 19 Mar. 2023.

<sup>36</sup> MARANHENSES MOSTRARÃO.... Op. cit.

<sup>37</sup> CASTRO, João Wernek de. Op. cit.

<sup>38</sup> Ibid.

<sup>39</sup> MARANHENSES MOSTRARÃO... Op. cit.

<sup>40</sup> SOCIEDADE Carioca de Folclore Maranhense. *Leitura*, Rio de Janeiro, 1958, p. 56. Disponível em: <http://memoria.bn.br/docreader/115509/6552>. Acesso em: 22 Mar. 2023.

de Defesa do Folclore Brasileiro. Teodoro, como um dos fundadores da Sociedade de Folclore, no Rio de Janeiro, ocupava uma posição de destaque não apenas como criador de um grupo de bumba meu boi, que era reconhecido como uma manifestação popular “folclórica” pelos pares, mas também como um folclorista. Durante sua trajetória, soube estabelecer relações com outros intelectuais e com figuras políticas consideradas importantes naquele contexto, representantes institucionais que estavam diretamente envolvidos em projetos nacionalistas de defesa de uma identidade nacional, mobilizando leituras de folclore.

Essa rede de contato fica evidente quando seu Teodoro e o seu “boi” chegam a Brasília, em 1961, a convite de Édison Carneiro, para fazer parte das comemorações do primeiro aniversário da nova capital.

(...) em fins de março de 1961, nós recebemos um convite no Rio de Janeiro, através do doutor Edison Carneiro, que o doutor Ferreira Gullar desejava conversar comigo. Então o doutor Edison me levou ao Jornal do Brasil, na Av. Rio Branco e de lá, pelo telefone eu falei com Ferreira Gullar aqui em Brasília. E ele me convidou para trazer o grupo de Bumba meu boi no primeiro aniversário de Brasília. Visto que ele ia trazer parte da escola de samba Mangueira e queria trazer outro grupo popular. Então nós aceitamos o convite, organizamos o grupo e no dia 20 de abril, nós deixamos o Rio de Janeiro com destino a Brasília.<sup>41</sup>

O “boi” de seu Teodoro se apresentou naquele dia mesmo e, segundo Teodoro, “na ocasião, eu e meu grupo nos apresentamos na parte superior da rodoviária e o povo brincou a noite inteira”.<sup>42</sup> O convite para residir em Brasília surgiu nesse período, a pedido do deputado Antônio Dino. Seu Teodoro volta então com o grupo para o Rio de Janeiro, e retorna a Brasília em seguida, sozinho, até organizar as coisas. Durante esse período, Teodoro irá trabalhar na chácara do então deputado, enfrentando um período de “sofrimento”, uma vez que, devido à falta de condições, “era impossível realizar o bumba-meu-boi”.<sup>43</sup>

O sentimento era de angústia e de saudade, que pode ser notado quando, na véspera de São João, Teodoro relata que fez “uma fogueira enorme para matar a saudade do bumba que eu havia começado no Rio e deixei bem adiantado”.<sup>44</sup> Com a mudança para Brasília, o bumba meu boi, que teria ficado no Rio de Janeiro, “desapareceu”, motivado, segundo seu Teodoro, por questões políticas.

---

<sup>41</sup> BUMBA MEU BOI DE SEU TEODORO. Op. cit., p. 63.

<sup>42</sup> SAMARCO, Christiane. “Boi Bumbá. Forró na Unb e a animação corre por conta do boi”. *Correio Braziliense*, Brasília, 26 Jan. 1980. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_03/934](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_03/934). Acesso em: 14 Mar. 2023.

<sup>43</sup> Ibid.

<sup>44</sup> Ibid.

O bumba-meu-boi não pode entrar na política, porque se isto acontece, ele pode acabar. Nós podemos pedir apoio e a ajuda dos políticos, mas nunca fazer política. O grupo não pode estar preocupado com isto. Ele tem que ter o pensamento firme no que está fazendo, na cultura popular, para não desvirtuar o ritual. Se isto acontece, o bumba acaba virando “boi da cara preta”. O rapaz que ficou no meu lugar, no Rio de Janeiro, não teve este pensamento. Em 25 de agosto de 1961, dia da renúncia de Jânio Quadros, a polícia o pegou na saída do túnel do morro da favela. Ele ficou 11 dias preso e, quando saiu perdeu todo o entusiasmo e bumba parou.<sup>45</sup>

O período em que Teodoro ficou trabalhando na chacára do deputado Antônio Dino foi curto. A terra do local, segundo Teodoro, “era muito ruim e o deputado não tinha dinheiro suficiente para modificá-la, [então] acabei me mudando para um barraco que havia comprado em Sobradinho, onde estou até hoje”.<sup>46</sup> Com a saída da chacára, Teodoro vai trabalhar num supermercado, entretanto não se adapta, pois, para ele, o “sistema de Brasília [tinha] muita ordem, muita obediência e muita competição entre os colegas de trabalho”.<sup>47</sup> Além disso, com o trabalho ganhava muito pouco, e quando decidiu pedir aumento, não foi bem recebido: “quando ele soube que estivemos na sala dele, ficou muito chateado e me transferiu para trabalhar à noite, na limpeza”.<sup>48</sup>

Desse modo, inconformado com o trabalho, com a falta do “boi” e de familiares, Teodoro retorna, no dia 24 de setembro de 1962, para a cidade do Rio de Janeiro. Lá, busca por um novo emprego, mas, dadas as dificuldades, entra em contato com antigos conhecidos, defensores da tradição do bumba meu boi, a exemplo do folclorista Édison Carneiro, que imediatamente ligou para o ministro da Educação na época, Darcy Ribeiro, que já o conhecia.

O problema foi facilmente resolvido. O ministro redigiu um bilhete de apresentação que Teodoro deveria entregar na Universidade de Brasília, para ser admitido em seu quadro administrativo. – O bilhete dizia que eu era uma pessoa ligada à campanha de defesa do folclore e que vinha trabalhar em Brasília. Eu cheguei no dia 27 de setembro, dia de Cosme e Damião – que também são milagrosos – e nesta mesma tarde comecei a trabalhar.<sup>49</sup>

Assim, tendo sido Teodoro admitido como funcionário na UnB em 1962, ou seja, desde a fundação da universidade, na qual permaneceu por 28 anos, o boi de seu Teodoro chega então à nova capital. Em 21 de junho de 1963, o mestre Teodoro volta ao Rio de Janeiro para pegar as coisas que ficaram e, com o apoio da Reitoria, cria o "bumba meu boi". Realizando a "toada"

---

<sup>45</sup> Ibid.

<sup>46</sup> Ibid.

<sup>47</sup> Ibid.

<sup>48</sup> Ibid.

<sup>49</sup> Ibid.

narrada por ele no jornal *Diário da Noite* do Rio de Janeiro em 1957, quando afirmava: "Nós vamos morar e construir nossa família lá na nova Capital".<sup>50</sup>

Na nova capital, como funcionário da UnB, Teodoro não só cria um novo "boi", como também cria a primeira Sociedade Brasileira de Folclore. É a partir desse momento, então, que Teodoro firma-se "em Brasília, sob o risco da cruz de Lucio Costa, [faz] festa nas curvas de Niemeyer e [borda] a Terceira Ponte no dorso do boi de cara-pintada".<sup>51</sup> Estes foram alguns acontecimentos na trajetória de Teodoro que abordaremos no próximo tópico.

### **O bumba meu boi de seu Teodoro chega a Brasília**

Teodoro, que foi admitido para o quadro de funcionários da Universidade de Brasília, trabalhou no Departamento de Letras, no Centro Brasileiro de Estudos Portugueses, e, naquele ano, haveria um congresso de literatura de cordel em João Pessoa. De acordo com Teodoro, "o professor da Universidade que iria participar do Congresso, não era um profundo conhecedor da Literatura de Cordel".<sup>52</sup>

O reitor designou o professor Élcio Andrade Martins para representar a Universidade, mas ele era um professor de Teoria Literária e não entendia de literatura de Cordel. Ligaram, imediatamente, para o Rio de Janeiro, pedindo a Edson Carneiro que indicasse um *entendido em folclore* para participar do Congresso. Edson Carneiro indicou meu nome, mas como eu tinha vergonha de falar em público, contei tudo o que sabia ao professor Élcio, que gravou toda a conversa. Eu fiquei muito feliz porque o trabalho que ele levou para a Paraíba foi classificado em quarto lugar.<sup>53</sup> (Grifo nosso).

A citação acima é um indicativo significativo da posição que Teodoro assume no campo dos estudos de folclore, a partir daquele momento, na Universidade de Brasília. Ou seja, uma figura já reconhecida não só como um brincante, fundador de um grupo de bumba meu boi, mas como alguém que "entendia de folclore". Esses vínculos, bem como o reconhecimento no Departamento de Letras, ajudarão Teodoro a elaborar seu mais novo projeto: a Sociedade Brasileira de Folclore, criada em 25 de janeiro de 1963, na 206 sul, bloco 2, apartamento 103, residência do deputado Antônio Dino.

Isso aconteceu em 25 de janeiro de 1963. Era no bloco A apartamento 103. Ele tinha convidado um pessoal do Plano Piloto e fundamos a Sociedade Brasileira de Folclore Maranhense, hoje Centro de Tradições Populares, funcionando em Sobradinho, na quadra

---

<sup>50</sup> CASTRO, João Wernek de. Op. cit.

<sup>51</sup> PERES, Eraldo. Op. cit., p. 7.

<sup>52</sup> FRANCO, Celson. Op. cit.

<sup>53</sup> SAMARCO, Christiane. Op. cit.

15, área especial número 2. O médico Dr. José Prado Novaes foi escolhido presidente, Dr. Edíson Póvoa Santos, vice-presidente; Sansão Elias Décio, primeiro-secretário; um professor da Universidade, professor José Albertino Rodrigues, primeiro tesoureiro; José Ribamar Silva, segundo tesoureiro e eu no Conselho Fiscal. No outro dia eu estava atrás de gente: eu fui em Planaltina, fui no Paranoá, fui em Taguatinga, fui em Brazlândia, fui no Núcleo Bandeirantes e no Gama. Onde tinha maranhense eu perguntava: Quem é do Maranhão aí? Já brincou de bumba-meu-boi? Gosta de Bumba-meu-boi? Vamos fazer um boi no sobradinho, vai nos ajudar lá!<sup>54</sup>

Teodoro aponta que o trabalho mais difícil para fundar a sociedade foi encontrar pessoas para brincar o boi. “Os candangos, já adaptados à vida de Brasília, já não entendiam o significado de suas tradições.”<sup>55</sup> O espaço, que até então era construído de madeira e telhado de palha, quando dos primeiros ensaios, começou com “25 bailantes”.<sup>56</sup> De acordo com Teodoro, nesse período, “o povo confundia folclore com macumba”. Como podemos perceber, uma reação baseada no racismo religioso sobre as manifestações populares, sobretudo em relação ao tambor de crioula. É com o apoio da universidade e o incentivo de professores e de alunos, que, conforme apontou Carlos Pontes, o grupo foi ganhando “simpatia” para compartilhar o “significado de seu trabalho de preservação folclórica”.<sup>57</sup>

Em 1965, a Sociedade Brasiliense de Folclore foi renomeada Centro Brasiliense de Folclore, Esporte e Tradições Populares. Registrado em cartório, tinha como finalidade estudar, defender, pesquisar, divulgar e praticar o folclore brasileiro em todas as suas sistematizações em Brasília. Com o novo nome, veio a construção de uma nova sede, ambas no mesmo lugar, graças ao apoio “dos próprios membros e ao apoio que lhe emprestaram a Fundação Cultural, a Universidade de Brasília, a Fundação Serviço Social, o Departamento de Turismo e Recreação e doações particulares dos professores da UnB”.<sup>58</sup>

O bumba meu boi de seu Teodoro, em Brasília, foi realizado durante dez anos seguidos, de 1963 a 1973. De 1974 a 1977, conforme citado por Teodoro, “não tivemos mais condições de fazer nada, devido à falta de condições financeiras”.<sup>59</sup> Esse contexto, para Teodoro, representava um período muito diferente daquele de quando chegou a Brasília. No início da década de 1960, havia “um ambiente favorável e estimulante para a cultura das tradições maranhenses”.<sup>60</sup>

---

<sup>54</sup> PERES, Eraldo. Op. cit., p. 68.

<sup>55</sup> PONTES, Carlos. O bumba-meu-boi brasiliense. *Correio Brasiliense*, Brasília, 26 Maio 1968. Disponível em: [http://memoria.bn.br/DocReader/028274\\_01/33765](http://memoria.bn.br/DocReader/028274_01/33765). Acesso em: 13 Mar. 2023.

<sup>56</sup> Ibid.

<sup>57</sup> Ibid.

<sup>58</sup> Ibid.

<sup>59</sup> FRANCO, Celson. Op. cit.

<sup>60</sup> PERES, Eraldo. Op. cit., p. 66.

No início de Brasília havia um grande interesse que tivessem grupos populares de todo o território nacional. Então, isso nos deu coragem de fazer também um Bumba Meu Boi. E o Bumba Meu Boi foi vivendo junto com outros grupos de Brasília. Havia vários grupos de todo o território nacional. Depois, com o desinteresse das autoridades culturais os grupos foram se dispersando, foram acabando, porque isso dá um pouco de trabalho.<sup>61</sup>

Nos anos 1970, é possível notar, em notícias do *Correio Braziliense*, várias manifestações de seu Teodoro em relação ao descaso que vinha sofrendo com o seu barracão, que já havia mudado de nome para Centro de Tradições Populares de Sobradinho. Num artigo do jornalista Celso Franco, intitulado “O Folclore sobrevive, em Sobradinho”, é possível identificar a situação do centro desde a última reforma, em 1965.

O Centro de Tradições Populares de Sobradinho é um velho barracão de madeira, que segundo um morador da cidade “parece abandonado”. Sob o teto precário, “temos medo que chova, nós queríamos brasilit, mas o pessoal daqui não ajuda” – na mesma sala convivem “São João no altar, iemanjá; propagandas eleitorais. No centro da parede, um Brasil recortado em madeira congrega índios, brancos e negros. Neste centro, situado à quadra 15, área especial no 2º Sobradinho realizou-se, dia 8 passado, o ritual de matança do Bumba-meu-boi, sem ajuda das entidades culturais, sem compreensão do povo. “Brasília não entendeu ainda o potencial folclórico que nós temos aqui no planalto central”, desabafa Teodoro”.<sup>62</sup>

Em meio às dificuldades, os estudantes da UnB, junto ao Diretório Central dos Estudantes (DCE), organizaram um “Sábado de Forró” na universidade, com apresentações de bumba meu boi e tambor de crioula, para “dar uma força ao grupo do seu Teodoro”.

É que a casa do boi, ou seja, o Centro de Arte e Tradições Culturais de Sobradinho, acionado pelo “mestre do bumbá” há 17 anos, necessita de reformas urgentes, pois o telhado está desabando. A entrada será livre e gratuita, uma vez que Teodoro Freire considera um verdadeiro crime contra a memória cultural do País vender a imagem do boi. Apenas as bebidas – vinhos, batidas, cervejas e refrigerantes – serão cobradas. A renda, evidentemente, reverterá para o centro de Tradições Culturais.<sup>63</sup>

Como é possível perceber, a questão da terra foi um problema recorrente na vida de Teodoro, que, desde quando morava no Rio de Janeiro, enfrentava dificuldades para ter a sede da Sociedade Carioca de Folclore Maranhense no Rio de Janeiro, e também em Brasília, com o terreno cedido pelo governo do DF. Diversas reportagens mostram o esforço de seu Teodoro

---

<sup>61</sup> Teodoro apud DORIA, Siglia Zambrotti. *O guardião do rito*. 1991. 291 f. Dissertação de mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 1991, p. 144.

<sup>62</sup> O FOLCLORE... *Correio Braziliense*, Brasília, 13 Dez. 1978.

<sup>63</sup> SAMARCO, Christiane. Op. cit.

para defender o seu território. Teodoro sempre se pronunciou em vários momentos, salientando a colaboração que teve na universidade onde trabalhou entre 1963 e 2000, sobretudo dos estudantes do Departamento de Letras, Geografia e História que se dedicavam a ajudar na manifestação popular do “boi” e, assim, manter a sua tradição.

O som do bumba meu boi de seu Teodoro, que era conhecido como o sotaque de Zabumba em Brasília, permaneceu como referência até 1978. Ao longo do tempo, diversos membros, provenientes do Maranhão ou de Brasília, juntaram-se ao grupo. No seu depoimento, Teodoro disse: “grupo não se desuniu. O grupo continuou unido”. Isso contribuiu para que, a partir das décadas de 1980, apesar da resistência, o bumba meu boi de seu Teodoro se tornasse uma das referências do seu tempo, usando outros “sotaques”, como o de baixada. Atualmente, o Centro de Tradições Populares, que abriga o Museu do Seu Teodoro, é mais um espaço de difusão cultural do Distrito Federal, que segue tendo como base os conhecimentos do seu mestre.

Seu Teodoro Freire, condecorado com o título de Comendador da Ordem do Mérito Cultural do Ministério da Cultura em 2006, faleceu em 2012, aos 91 anos. A sua trajetória é marcada por elementos que demonstram a sua resistência na divulgação da cultura maranhense no Distrito Federal e sua relação com a Universidade de Brasília. Fazendo de seu Teodoro aquilo que Cristovam Buarque, então reitor da Universidade de Brasília, disse em 1989: “Teodoro é um museu vivo da cultura nordestina.” A utopia, dessa forma, se tornou realidade em 2023, com a criação de um museu para celebrar os sessenta anos do “boi” do seu Teodoro.

### **Museu do Boi de Seu Teodoro: uma “rasteira” museológica**

O Museu do Boi de Seu Teodoro é um museu comunitário, localizado no Centro Cultural de Tradição, na Quadra 15, em Sobradinho (DF). O Barracão, como é chamado, (Figura 1) foi destinado a Teodoro Freire pelo governo do Distrito Federal para que ali fosse administrado um núcleo de folclore, onde se pudesse brincar o “boi”, o tambor, a quadrilha e que promovesse a difusão das tradições populares.

Está localizado na Quadra 15, Área Especial nº 2, Subzona Especial de Conservação 4 em Sobradinho (DF). A sede possui uma área de aproximadamente 60 mil m<sup>2</sup>. A área está dentro do centro urbano da cidade. O museu comunitário é uma iniciativa do Instituto Rosa dos Ventos de Arte, Cultura e Cidadania, em conjunto com o Centro de Tradições Populares de Sobradinho. O espaço museológico foi apoiado pela Secretaria de Cultura e Economia Criativa do Distrito Federal e pela Fundação Palmares do Governo Federal.



Figura 1. Detalhes do Barracão do Centro de Tradições Populares, em Sobradinho (DF). Foto: Jean Costa. 2023.

O Barracão do Centro de Tradições Populares já realizou diversas atividades culturais, como capoeira, quadrilha, cacuriá, dança portuguesa e campeonatos de futebol, mas, devido a diversas razões, essas atividades não são mais realizadas. Atualmente, o Barracão, onde está instalado o Museu do Boi de Seu Teodoro, está conectado não somente à história recente do DF, mas também à trajetória do boi de seu Teodoro.

Como é possível observar na planta (Figura 2), além do salão principal, onde estão expostas algumas peças do museu, criado em janeiro de 2023, o Centro de Tradições possui uma estrutura para a instalação de um bar, com um balcão, uma cozinha e banheiros coletivos. Ao lado do salão principal, há outro cômodo dividido em três ambientes: a Sala do Santo, com altar e dois depósitos.



Figura 2. Detalhes da planta do Centro de Tradições Populares de Sobradinho. Fonte: BUMBA MEU BOI DE SEU TEODORO. Op. cit., p. 42.

Ao adentrarmos o espaço museológico, encontramos diversas imagens e matérias que remetem a uma biografia de Teodoro exposta nas paredes. Ao ouvirmos um dos responsáveis pela criação do museu, notamos que objetos os quais dão significado à exposição compartilham o mesmo espaço com outros do Centro de Tradições, podendo alguns serem utilizados nos ensaios da festa. O museu conta uma história do boi de seu Teodoro a partir das variações do “sotaque”.

Então começou com esses ritmos de zabumba, né. Do sotaque Guimarães, como é chamado também, né. Todos esses instrumentos aqui são usados nesses sotaques, que é a zabumba, matraca... E a zabumba tá aí, mas ela é tocada no pé mesmo uma forquilha de madeira, né. Onde a pessoa usa... Esse chapéu aqui, chamado de Chapéu de Fita, rajado de fita, né... O boi, né, totalmente diferente, você vai ver o tamanho dele, é diferente dos bois de outros locais... aquele ali é bem menor! Então, começou com esse sotaque de zabumba.<sup>64</sup>

A utilização de instrumentos musicais musealizados foi uma forma encontrada pela comunidade de demonstrar as referências e variações do “sotaque” do boi maranhense, a partir das transformações e dinamicidade do boi de seu Teodoro. No salão principal, onde estão os instrumentos musicais, algumas vestimentas e representações do “boi”, para a comunidade, é

<sup>64</sup> DO VALE, Gilvan. *Anotações de campo: visita ao museu do boi de seu Teodoro*. Sobradinho, DF: 2023.

uma forma de contar a história do início do “boi” no Rio de Janeiro com Teodoro. “É um modo de trazer para a comunidade essa memória do boi”<sup>65</sup> (Figura 3).



Figura 3. Detalhes para os elementos que remontam o primeiro “sotaque” de fundação do Boi de Seu Teodoro. Foto: Jean Costa, 2023.

O acervo, criado pela comunidade, é uma coleção que se desenvolve à medida que a comunidade produz e/ou ressignifica os seus objetos de uso, ou seja, “muitas coisas ainda serão trazidas para o museu”. A narrativa sobre seu Teodoro e o bumba meu boi, que se desenvolve no Rio de Janeiro, é apresentada, por exemplo, quando, entre o acervo, está exposta uma burrinha, “que hoje não se usa mais, mas antigamente tinha, né”. Como uma outra representação de um “boi”, que “foi confeccionado exclusivamente pro museu, também”. “Eu que confeccionei ele!”.<sup>66</sup>

Um dos membros da comunidade com quem conversamos foi um dos últimos a chegar de Brasília, vindo do Maranhão e estabelecendo residência em Sobradinho. Atualmente é o responsável pela organização do tambor de crioula, e também “por conta de que der e vier”. Ao nos apresentar as indumentárias, dispostas em manequins, a exposição segue uma sequência não apenas linear de apresentação dos personagens presentes na festa do bumba meu boi, mas também uma perspectiva que contrasta o passado e o presente, mostrando como os tecidos, bordados, estampas, corte, entre outros, eram confeccionados.

---

<sup>65</sup> Ibid.

<sup>66</sup> Ibid.

A indumentária, você vê que até as blusas, calças, uma é de cada estampa, né. Porque assim que eram feitas no passado. Não tinha aquela cor padronizada como hoje a gente faz, né. As calças, todas as mesmas cores, camisa, da mesma cor... Então os bordados, os chapéus, não tinham esse bordado rico, como tem hoje, né. Era uma coisa bem mais simples... esses chapéus a gente usou muito aí, trazendo as lantejoulas, né. Hoje em dia quase não se borda com lantejoulas, é mais pode ver nos bordados lá do boi. Eram assim que eram feitos né. Aí, tem essas misturas, e a gente trouxe com esses dois materiais, pra trazer um pouco né, de como era lá atrás. Aí vem a índia e o Cazumba, que essa roupa dele não era bordada, antigamente. Aí a gente fez justamente, pra trazer essa lembrança, né. A roupa de hoje ela é totalmente com outro material. É toda estampada, toda bordada. Não é simples assim, como era antigamente, né.<sup>67</sup>

Na “Sala do Santo”, que já existia antes da criação do museu, há um altar no meio. No espaço (Figura 4) ficam as imagens de São Benedito, São João, São Pedro, Virgem Maria, Nossa Senhora Aparecida e São José. O espaço é “dedicado ao sagrado, onde são feitas as ladainhas para os santos de devoção”. O nome “Sala do Santo” é uma “denominação dada pelo mestre [Teodoro] desde quando conseguiu ampliar o salão e separar o ‘sagrado’ do ‘profano’, ou seja, a parte litúrgica da Festa do Boi da parte de diversão”.<sup>68</sup>

A Sala do Santo, além de exibir várias representações do “boi” produzidas em anos anteriores, expõe diversos materiais utilizados na festa do bumba meu boi, que, por não terem espaço, acabam servindo de elementos de decoração e comunicação do museu. Um exemplo são chapéus, com sua identificação, nas paredes da sala.



Figura 4. Detalhe da exposição da Sala do Santo, do Museu de Seu Teodoro. Foto: Jean Costa, 2023.

---

<sup>67</sup> Ibid.

<sup>68</sup> Ibid.

É relevante considerar que o nome do museu, quando atribuído ao “seu” Teodoro, é uma expressão de uma linguagem popular da comunidade. Durante as várias visitas e conversas com os membros do grupo, foi possível notar, de forma recorrente, esse tipo de tratamento ao antigo “mestre”. O que demonstra que o museu, assim como as ações que ele desenvolve, promove uma comunicação e uma posição de lugar de fala que faz sentido para a comunidade. As informações do museu, sejam elas referentes ao seu acervo ou às memórias de Teodoro, suas experiências, conhecimentos e práticas, estão interligadas na narrativa sobre o “boi”, que permeia toda a musealização do espaço.

Ao apresentar a memória de Teodoro Freire, o museu contribui para uma mudança de uso e significado para esses saberes do bumba meu boi. A comunidade, ao criar os seus próprios objetos, sejam eles de uso diário ou de diversas esferas sociais, como o ritual do boi, cria uma dinâmica sobre o espaço, que não se limita apenas ao objeto em si, mas também aos saberes e às referências culturais, passadas pelo seu mestre.

A relevância do nome do espaço como “Barracão”, termo que atravessa toda a história daquele território, assim como o deslocamento material e simbólico dos “sotaques” do bumba meu boi, carregado de referências indígenas e afrodiáspóricas, é expressa de uma forma singular por uma linguagem que, como sugerido por Lélia Gonzalez, cria uma narrativa baseada num “pretuguês”.<sup>69</sup> Provocando, a partir de uma gramática museal, o “deslocamento do pensamento museológico”.<sup>70</sup> Como se pode notar em diversas passagens de Teodoro quando ele se refere às suas experiências, é possível notar heranças linguísticas que se tornam marcas que “evidenciam a presença negra na construção cultural do continente americano”.<sup>71</sup>

O museu, antes mesmo de ser instituído como Museu do Boi de Seu Teodoro, o Barracão do Centro de Tradições já realizava ações de musealização. No entanto a instituição museológica, ao mesmo tempo que produz uma concepção expositiva que singulariza o modo de ação do simbólico, a partir da musealização das variações dos sotaques do bumba meu boi, na longa duração, efetuando uma “rasteira museológica” ao falar a partir de “coisas nossas”<sup>72</sup> de um legado linguístico africano, no Brasil; o formato de museu ainda reverbera uma linha

---

<sup>69</sup> GONZALEZ, Lélia. “Racismo e sexismo na cultura brasileira”. *Revista Ciências Sociais Hoje*, 1984, p. 223-244.

<sup>70</sup> BRULON, Bruno. Op. cit., 2020, p. 5.

<sup>71</sup> GONZALEZ, Lélia. “A categoria político-cultural de amefricanidade”. *Tempo Brasileiro*, vol. 92, nº 93, 1988, p. 71.

<sup>72</sup> GONZALEZ, Lélia. Op. cit., 1984, p. 238.

normativa de expor, pautado num modelo narrativo, tradicional, do “uso do passado como rastro-sintoma de presença e ausência”<sup>73</sup> de seu Teodoro.

O contato com o campo do folclore permitiu que seu Teodoro entrasse em um estado diferente do condicionado. Seja como folclorista e praticante do bumba meu boi, ou como funcionário da Universidade de Brasília. A sua trajetória, em particular, nos inspira a pensar de forma multifacetada sobre a forma como o conceito de folclore foi sendo mobilizado. O uso do folclore por Teodoro Freire é um exemplo da polissemia em sua área de atuação.

Seu Teodoro, ao experienciar o que dizia sobre “vivência popular”, ele mesmo cria o seu entendimento, o seu conceito de folclore. Tenciona toda uma lógica, comumente vista no campo, ao criar instituições dedicadas ao folclore, sendo ele próprio o folclorista, e responsável pela legitimação do seu “fato folclórico”.

A trajetória de seu Teodoro e a criação do Museu do Boi de Seu Teodoro, um museu quase autobiográfico, “é esse tipo de delírio das coisas da realidade”.<sup>74</sup> Suas passagens conferiram ao mestre experiências que criaram “realidade e não os sujeitos, eles mesmos, separados dela”.<sup>75</sup> O Museu do Boi “&” de Seu Teodoro, criado pela comunidade, é esse acontecimento que, ao mesmo tempo que reorganiza toda uma experiência vivida com a comunidade, “visando a aquisição de informação ou a sua potencialidade”,<sup>76</sup> o mesmo não se limita ao espaço físico museu. A passagem do bumba meu boi, que traduzia a referência cultural e a saudade expressas pelo seu Teodoro em sua trajetória, mantida pela comunidade, será o elemento condutor.

---

<sup>73</sup> CERÁVOLO, Suely Mores. “Rota de investigação sobre a formação do patrimônio cultural da Bahia”. *Cadernos de Sociomuseologia*, Lisboa, vol. 9, nº 53, 2017, p. 73.

<sup>74</sup> BRULON, Bruno. Op. cit., 2018 p. 190.

<sup>75</sup> Ibid., p. 207.

<sup>76</sup> Ibid., p. 190.